

TEMAS, CONCEITOS E PERCURSOS METODOLÓGICOS

Possibilidades da Pesquisa
em Educação

Betina Hillesheim
Camilo Darsie de Souza
Mozart Linhares da Silva
Willian Fernandes Araujo



Pedro & João
editores

**Betina Hillesheim
Camilo Darsie de Souza
Mozart Linhares da Silva
Willian Fernandes Araujo
(Organizadores)**

**Temas, conceitos e percursos metodológicos:
possibilidades da pesquisa em educação**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Betina Hillesheim; Camilo Darsie de Souza; Mozart Linhares da Silva; Willian Fernandes Araujo [Orgs.]

Temas, conceitos e percursos metodológicos: possibilidades da pesquisa em educação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 296p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-1142-8 [Impresso]
978-65-265-1145-9 [Digital]**

1. Metodologias. 2. Pesquisas em Educação. 3. Educação brasileira. I. Título.

CDD – 370

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

BIOGRAFEMAS: POR UMA ESCRITA QUE NÃO DÊ CONTA DA VIDA

Amanda Cappellari
Lílian Rodrigues da Cruz

É preciso deixar o outro viver, pois a vida é justamente aquilo que excede qualquer relato que se possa dar (Judith Butler, 2015).

Preparo a instalação para o trabalho amoroso de comungar palavras. Escrevo “faz de conta que isso é um título” centralizado e digito nossos nomes em seguida. Desde os últimos dias estou sussurrando devaneios para uma pergunta antiga que me volta: como narrar uma experiência? Levanto da cadeira porque lembro que ao entrar em casa vi de relance duas folhas secas no lírio [da paz]. Pego a tesoura e corto o que já não florescerá mais. Aproveito também para retirar algumas folhas queimadas da jiboia – acho estranho escrever sem acento agudo, parece que as palavras paroxítonas com ditongo aberto *éi* e *ói* eram mais bonitas antes do *novo* acordo ortográfico. Algumas palavras que gosto seguem marcadas em mim com acento agudo. O que resta em nós daquilo que *já* passou?

Com um estranhamento semelhante ao que sinto em escrever jiboia sem acento, me encontro com minha dissertação de mestrado para *tudium-la* ao dizer do que fica dela em mim, para, apenas enquanto uma aposta, tentar evidenciar uma sílaba tônica outra naquela intenção de pesquisar como saíam dos serviços de acolhimento institucional jovens que completavam a maioria. Portanto, esse texto será montado a partir de uma composição com o já escrito na dissertação “Poéticas insurgentes: o desligamento institucional por maioria” e com afetações posteriores. A narrativa em primeira pessoa será mantida, mas a tecitura da

pesquisa e do texto está encharcada do pensamento sensível da segunda autora, que orientou as veredas do trabalho.

Digo a você, aliada que suponho também pesquisadora, ou ao menos curiosa dessa imensidão que é nos encontrarmos com outros para produzir pensamentos afetados, que minha agitação sistólica – esse movimento de contração que faz o coração para bombear o sangue para o corpo – era de como eu poderia inventar um cuidado ético ao narrar experiências que não eram minhas, mas que eu testemunharia no momento em que jovens acolhidos ou que passaram pelo desligamento institucional por maioria aceitassem compor comigo. Por não acreditar em pesquisas assépticas, combinemos desde já que as palavras não são inocentes e as escolhas que fazemos evidenciam algo do nosso *eu que pesquisa*. Desde meu lugar, sou uma mulher branca cis hétero magra de classe média, não habitei serviços de acolhimento institucional, gosto de literatura e me encanto pelas miudezas sensíveis que podem acontecer no encontro com outros. Essas localizações atravessam e constituem meu modo de pesquisar.

Em “Cadernos de viagem à China” (2012), uma nota escrita por Barthes me convoca riso e atenção. Indo para uma das conferências programadas, motivo da viagem ao país, acontece um pequeno acidente de carro, nada grave, mas definitivamente imprevisto. Barthes aponta que tudo naquela viagem estava milimetricamente calculado, sem espaço para o imprevisível, para acontecimentos outros. O impacto do carro foi a surpresa que teve durante aqueles dias todos. Eu também tive um acidente de pesquisa, e se deu no encontro com Sol.

Por uma escrita que não dê conta da vida: o método biografemático

Ainda sem saber o que viria depois, comecei a narrar a vida de Magnum. Juntei os cacos de histórias que conhecia sobre desligamentos institucionais por maioria, aquelas que escutei de jovens acolhidos, as de reportagens de jornal, as de livros de

literatura, de músicas que denunciam os horrores de nosso tempo com sensibilidade. Quando o menino Magnum vai crescendo, tenho a sensação de que esse virtual, pois Magnum era um personagem em que eu agrupava fragmentos coletivos, produz um campo de visibilidades sensível para a temática que eu queria pesquisar. Mas, como eu escreveria sobre experiências corporificadas com o cuidado necessário? Como escolheria mostrar isso ou aquilo e não outra situação que me foi narrada? Judith Butler (2015) discute que estamos eticamente implicadas com uma vida quando percebemos a impossibilidade de narrá-la plenamente.

Portanto, uma primeira pista se deu: abandonar qualquer tentativa de dar conta da vida, no sentido de tudo dizer, tudo mostrar. Não seria necessário um pacto com a linearidade, um compromisso com uma ideia de Verdade da narrativa. Sobre Magnum, ficcional, parafraseio Clarice Lispector (1999): acontece que chegou um momento na composição do menino em que “o verbo já não era meu: me transcendia, era de todo mundo, era de Magnum.” Se minha preocupação primeira era de como não estilhaçar uma história, percebo que existe potência em olhar para fragmentos de vida, e que sua força pode estar justamente ali, no modo que os estilhaços se lançam ao mundo para fazer ver e sentir de outros modos. Magnum inventado, agora, tem força de verdade, sua “voz é fantasmagórica, impossível, destituída de corpo e, mesmo assim, persiste, continua vivendo” (Judith Butler, 2015, p. 82). Magnum se faz hospedeiro para o virtual, para esse campo de possibilidades do que se pode vir a ser; eu me faço hospedeira para Magnum. Deixo que ele se ocupe de mim para que eu possa lhe contar como sinto em mim a existência dele. Quando falo do outro não digo propriamente dele, mas sobre como seu mundo me afeta. É sua existência que inaugura e abre passagens para as problematizações vindouras. Assim, a angústia em como contar algo de uma vida se tornou pista metodológica e o movimento foi diastólico – enfim, o relaxamento do coração.

Roland Barthes nos ensina, ao longo de sua obra, esse gesto biografemático de narrar. Em *A Câmara Clara* (1984), produz reflexões sobre fotografia e, ao pensar na sua relação com elas, convoca dois elementos para a discussão sobre como as fotografias o atravessam: *tudium* e *punctum*. O primeiro diz respeito a um interesse cultural, “que não quer dizer, pelo menos de imediato, “estudo”, mas a aplicação a alguma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso” (p. 45). Já o segundo atravessava esse campo de interesse, “parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar” (p. 46). *Punctum*, portanto, como algo que punge, corta, faz ferida. Mais adiante, Roland Barthes entende *punctum* de nova maneira, que não corresponde mais à forma, mas à intensidade com que um detalhe o atravessa.

Biografema enquanto uma estratégia incapaz e inautêntica. O sujeito narrado perde seu lugar de autenticidade, de “verdadeiro”, já que a pessoa que escreve passa a ser uma fabuladora de realidade. Não há a intencionalidade de uma narrativa que se detenha a datas, cronologia ou linearidade, mas antes uma tentativa de criar biografias abertas, com múltiplas saídas, inclusive para vidas aprisionadas (Costa, 2011). Assim, as fronteiras entre invenção e realidade se borram, já não é possível distinguir quais são os pequenos fragmentos de vida que alimentam a fantasia. Ademais, “a realidade é, no seu limite, uma dobra infinita de ficções” (Vilela, 2010, p. 325).

O biografema pode ser pensado como uma escrita em aberto, sujeita a alterações, a alargamentos, uma contação constantemente inacabada. “Talvez por um tempo, devêssemos renunciar a essa antiga obsessão em chegar ao fundo das naturezas” (Glissant, 2021, p. 220). Portanto,

tomar partido da biografia enquanto criação (e não somente como representação de um real já dado por um passado vivido) é colocar-se diante de uma política que se mostra contrária a todo uso biográfico que sufoca a vida, de toda estratégia ou metodologia thanatográfica (Costa, 2011, p. 36).

“O biógrafo, nessa perspectiva, não narra, de maneira linear, cronológica, coerente, a sua própria vida (nem a de ninguém), mas produz vidas: o biógrafo como um inventor de vidas” (Feil, 2019). Para Ewerton Martins Ribeiro (2015), o biografema impulsiona uma investigação. É o que permite ajustar o zoom para se aproximar de um detalhe de vida, de nuances e ranhuras que só podem ser vistas de perto, com descabida atenção. Foi desse modo que meu biografema reclamou um campo, exigiu encontros cuidadosos para sua invenção. Então me aproximo do problema da atmosfera (Costa, 2011). É necessário analisar não apenas as condições históricas, psicológicas e sociais para a escrita, mas também o campo que a torna possível, ou seja, a vida.

Para tanto, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e também do aceite cuidadoso da instituição que coordena os serviços de acolhimento institucional no município de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, me encontrei com jovens acolhidos que já questionavam sobre como seria a vida depois do desligamento institucional (combinamos que os encontros seriam com esses jovens para não fazer emergir a questão em quem ainda não havia se deparado com ela) e também com jovens que haviam saído do acolhimento e que as instituições ainda tinham algum contato. Também me encontrei com profissionais que trabalham nesses serviços e acompanham esses processos, e com pessoas de setores educacionais que pensam em projetos e políticas para o desligamento institucional.

Há um entretanto importante aqui: narrar as vidas que não pude encontrar. Os jovens que fizeram a rua como moradia após o desligamento, aqueles que estavam cumprindo medida socioeducativa na FASE (Fundação de Atendimento Socioeducativo), a menina que aceitou conversar comigo, mas evadiu do serviço na semana seguinte e não voltou até o final da pesquisa de campo, aqueles que retornaram para a vila e começaram a trabalhar no tráfico de drogas. Assim, os encontros aconteceram com sujeitos que, de um modo precário ou não,

seguiam com algum enlace às políticas públicas de assistência social, saúde ou educação.

Após alguns encontros com jovens, tomava o *punctum* como pequeno elemento disparador da escrita do biografema. Depois, esse fragmento era partilhado e aberto a transformações. Voltemos ao Magnum.

Assaltou uma farmácia, acompanhado de um *cupincha*. Era noite e carregava nas mãos uma arma de brinquedo, o suficiente para honrar o nome que lhe foi dado. Magnum, o menino com nome de arma, demonstra toda sua obediência fazendo valer, naquele momento, o futuro profético que lhe ofereceram. Depois de contar como conseguiu não se aliar a nenhuma facção – devido a um conhecido que também cumpria medida socioeducativa com restrição de liberdade -, ele pareceu tentar acalmar a mim e a ele: “Tudo bem, tia, sempre me disseram que eu ia acabar preso”.

Escolho não mergulhar agora nas complexidades que produziram essa cena. O que nos interessa aqui é saber que “essa vida <antes de ser biografada da forma como é> não era” (Costa, 2011, p. 52). Um biografema, justamente ali, no toque macio entre real&ficção, produz outras visibilidades. É um gesto de incorporar a estética como recurso para a inquietação do pensamento. Nas palavras de Jacques Rancière (2005, p. 13), compreender a estética enquanto “um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessa maneira de fazer e modos de pensabilidade de suas relações”.

Ancorada em Adorno (2003), sentir alergia às formas estabelecidas e, por isso, fazer suspensão dos métodos tradicionais. O autor refere que o ensaio recua diante da violência dogmática. Penso que uma metodologia biografemática pretende algo semelhante: o alargamento da vida, e não seu aprisionamento através de um decalque. É um processo de compor enquanto se experimenta.

O acidente: pensar metodologicamente para saber negar seu uso

Encontrei Sol em uma tarde chuvosa de maio. Alguém havia explicado para ela que eu estava estudando justamente aquilo que a desassossegava e produzia medo há meses. Ela aceitou conversar comigo e me aguardou no segundo andar do anexo do serviço de acolhimento, salão em que aconteceu sua festa de 15 anos. Nos conhecemos com ela contando preciosidades sobre quem é e questionando quem sou. Depois de tagarelarmos com seriedade, contei sobre minha intenção de como narrar algo dos nossos encontros. Ela não gostou. Baixou os olhos e me despedaçou: *eu pensei que tu viria aqui pra me ajudar*. Eu também a tinha despedaçado. *Como posso te ajudar, Sol?*

Ela pediu que eu escrevesse sua história, tal qual ela contaria, sem tirar nem pôr. Uma escrita sem nenhum tracinho do que ela entendia por ficção. Combinamos assim. No segundo encontro, levo materiais para a escrita. Ela começa a falar e solicita que eu escreva. Em algum momento cessa a narrativa, pega uma caneta e anuncia: a partir dessa parte pode ser com minha letra. Até aqui, alguma licença poética da memória para contar desses primeiros encontros. Passamos a nos ver com frequência estabelecida por ela. Ao final de cada encontro, tínhamos um texto sobre sua vida e, quando eu chegava em casa, recebia uma mensagem no WhatsApp com fotos que deveriam acompanhar a escrita e a indicação de quantas cópias impressas eu deveria levar. Depois, ela oferecia esses textos como presentes para pessoas amadas. Quando satisfeita do tanto que havia reescrito da vida, combinamos que eu deveria contar sua história, com minhas palavras, a partir das palavras que ela partilhou.

Sol queria que seu nome próprio aparecesse na dissertação. Através do Comitê de Ética existia a garantia do anonimato de participantes da pesquisa. Não haveria tempo para enviar um adendo para avaliação do Comitê. Aquilo que inicialmente foi pensado enquanto cuidado – o anonimato ou a escrita biografemática – foi tensionado pelo desejo de Sol. Lembro de uma

passagem de Collins (2015, p. 26), “uma maneira de desumanizar uma pessoa ou um grupo é negar-lhes a realidade de suas experiências”.

Vinciane Despret (2011) situa o anonimado como efeito sem nome. Ao deparar-se em uma de suas pesquisas com a reivindicação de uso do nome próprio, compreende que essa estratégia é usada em uma tentativa de proteger ou resguardar os sujeitos participantes, mas que isso implica em outro risco, o de fazer silenciar e apagar o sujeito que fala. Cláudia Fonseca (2010) discute que devemos reconhecer que o anonimato não é sinônimo de respeito, que esse se aproxima dos borrões que escondem os rostos em filmes e fotos. Desse modo, a impressão é de que esses sujeitos teriam algo para esconder ou que há algo vergonhoso no conteúdo. No entanto, questiona-se também sobre a hipótese de o uso de nomes próprios servir para diminuir nossa ânsia por pesquisas mais sólidas, verificáveis, como se nos aproximássemos do campo da engenharia social.

Por uma poética que nos coloque em relação

Durante a proposta da pesquisa e a vontade de biografemas enquanto aposta ética, política e estética, não previa a possibilidade de uma narrativa com nomes próprios. Isso não era uma questão. Os biografemas foram pensados como prática de cuidado e de enunciação. E foram. Entretanto, um encontro singular reiterou novamente que, mesmo nos espaços que se propõem porosos, um cadinho a mais de liberdade é possível.

A poética emerge enquanto ato político de afirmação da vida. Por tempo demais um antiproduto acadêmico, ela serve para dizer de outro modo, fazer transbordar uma produção intelectual que se quer sensível. Disputar metodologias de pesquisa não tradicionais é apostar que somos capazes de compor diferentes imagens para a leitura do mundo e que, por isso, podemos intervir nos discursos sociais criando condições de inauguração de “novos

circuitos de conversação que dotem as palavras de sentido” (Weinberg, 2017, p. 524).

Em *Poética da relação*, Édouard Glissant (2021) afirma que o sujeito errante, ao tentar compreender a totalidade do mundo, já sabe que esta é uma tarefa impossível, e que é justamente nisso que está a beleza do mundo. Assim, “a poesia não é uma diversão nem uma exibição de sentimentos ou de belezas. Ela também informa um conhecimento que não poderia ser atingido pela obsolescência” (p. 109). Portanto, “a abertura do poético é imprevisível e surpreendente” (p. 110).

Talvez biografemar seja um dos modos de “fazer passar amorosamente o mundo” no texto (Barthes, 2005, p. 162), em uma constante “busca por aquilo que se move” (Glissant, 2021, p. 46). Um jeito de insistir na variação do vivido, de produzir respostas sempre parciais, de dar duração e fazer passar a vida – especialmente porque alguma coisa, às vezes misteriosa, segue pulsando.

Referências

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: Adorno, W. T. **Notas de Literatura I**. Tradução: Jorge de Almeida. Editora 34, Coleção Espírito Crítico, pp. 15-45, 2003.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance vol. II**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. **Cadernos de Viagem à China**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

COLLINS, Patrícia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: Moreno, Renata.

- (Org.). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, pp. 13-42, 2015.
- COSTA, Luciano Bedin da. **Estratégias biográficas**: biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche, Henry Miller. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- DESPRET, Vinciane. Leitura etnopsicológica do segredo. **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 23, n. 1, pp. 5-28, Jan./Abr, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v23n1/v23n1a02.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2019.
- FEIL, Gabriel Sausen. O método biografemático: escritura nova em educação. **Educação**, [S. l.], v. 44, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/29466>. Acesso em: 1 mar. 2024.
- FONSECA, Cláudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”. In: Schuch, Patrice; Vieira, Mirian Steffen; Peters, Roberta. (Org.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Editora UFRGS, pp. 205-227, 2010.
- GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Marcela Vieira, Eduardo Jorge de Oliveira (trad.). Rio de Janeiro: Bazar tempo, 2021.
- LISPECTOR, Clarice. **Um Sopro de Vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental, Editora 34, 2005.
- RIBEIRO, Ewerton Martins. Biografema, *studium*, *punctum*, fotografia: quase um método. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, maio-ago, pp. 45-64, 2015.
- VILELA, Eugénia. À contraluz, o testemunho. Uma linguagem entre o silêncio e o corpo. In: Costa, Luciano Bedin da; Fonseca, Tânia Mara Galli. **Vidas do fora**: habitantes do silêncio. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
- WEINBERG, Liliana. O ensaio em diálogo: da terra firme ao arquipélago relacional. **Remate de Males**, v. 37, n. 2, pp. 523-546, Campinas – SP, 2017.